



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI**  
**CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**



**NÍCOLAS ROSA MIRANDA**

**POTENCIALIDADES DA FLORA UTILIZADA PELA COMUNIDADE RURAL**  
**ASSENTAMENTO PRADO, PARNAÍBA, PIAUI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí *campus* Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Maura Rejane de Araújo Mendes

**PARNAÍBA – PI**

**2019**

M672p Miranda, Nicolás Rosa.  
Potencialidades da flora utilizada pela comunidade rural  
Assentamento Prado, Parnaíba - PI / Nicolás Rosa Miranda.  
- 2019.  
49 f. : il.

- Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí  
UESPI, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, *Campus*  
Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2019.  
“Orientadora: Profa. Dra. Maura Rejane de Araújo Mendes.”

1. Etnobotânica. 2. Estudos etnobotânicos – Piauí. I. Título.

CDD: 580

**NÍCOLAS ROSA MIRANDA**

**POTENCIALIDADES DA FLORA UTILIZADA PELA COMUNIDADE RURAL  
ASSENTAMENTO PRADO, PARNAÍBA, PIAUI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador (a): Prof. Dra. Maura Rejane de Araújo Mendes

**APROVAÇÃO** em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. (a). Dra. Maura Rejane de Araújo Mendes**  
**Universidade Estadual do Piauí (UESPI)**  
**Orientadora**

---

**Maria Hortencia Borges dos Santos**  
**Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA).**  
**Universidade Federal do Piauí (UFPI)**

---

**Prof. (a). Dra. Maria da Conceição Sampaio Alves Teixeira**  
**Universidade Estadual do Piauí**  
**Membro interno**

Dedico esse trabalho as minhas mães (Elisbete e Francinon), meu pai (Kléber), padrasto (Edvaldo), irmão (Caio), meus avós (Roberto e Alice) e a mim.

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por tudo o quanto ele tem feito por mim, por ter me sustentado, me concedido graça para vencer esses quatro longos anos de muitas lutas, por ter me concedido força em momentos difíceis que pensei em desistir, sei que se cheguei até aqui foi graças a Ele, mas também quero louva-lo pelos momentos inesquecíveis e por ter conhecido pessoas maravilhosas que levarei para sempre no meu coração.

A Universidade Estadual do Piauí, ao Programa de Iniciação Científica e ao comitê de Ética e Pesquisa, pela aprovação do projeto que foi base para o meu trabalho de conclusão de curso.

Aos moradores do Assentamento Prado por participarem da minha pesquisa, vocês foram fundamentais na produção do meu Trabalho de conclusão de curso. Obrigado pela acolhida e paciência que tiveram comigo.

A toda minha família, em especial a minhas mães Elisbete e Francinon, meu irmão Caio, meu padrasto Edvaldo, meu pai Kléber e meus avós Alice e Roberto (*In-Memorian*), por todo a força e incentivo. Vocês são os meus bens mais preciosos.

A minha madrinha Iolanda, tia Ivone, tia Iolete e madrinha Ionedá, pelo que fizeram por mim, nada nesse mundo pode pagar o que vocês fizeram. Sou eternamente grato, vocês fazem parte dessa conquista,

Aos amigos e colegas de curso, Kariane, Andrea, Fernanda, Mariana, Gisela, Jogiane, vocês têm um lugar especial no meu coração. E falando de amigos não poderia deixar de agradecer a minha prima-irmã Tamires e a minha amiga-irmã Bia, sinceramente não tenho palavras para falar o quanto sou grato a DEUS por suas vidas, foram 4 anos maravilhosos, quantos passeios, quantas brigas, quantas conversas e principalmente quantas risadas, foram inúmeros os obstáculos que surgiram, mas nós conseguimos.

A minha orientadora professora Maura Rejane, pela paciência, orientação, preocupação, confiança, dedicação, conselhos, puxões de orelhas, incentivo e por ter me mostrado que sou capaz. Não teria conseguido sem você professora. Ao professor Valdinar que foi fundamental para o meu deslocamento a comunidade no qual realizei meu estudo. Ao senhor meus sinceros agradecimentos.

A todos os meus professores do curso de graduação, vocês contribuíram de forma impar para minha formação, não somente pelo aprendizado, mas também pela amizade e exemplos de bons profissionais. Quero fazer menção de forma especial a professora Conceição, seus conselhos me fizeram crescer na vida, me colocaram para cima em momentos complicados durante esses anos. Professora você é maravilhosa.

A todos meus inúmeros amigos que torceram, oraram e acreditavam em mim, não vou citar nomes por que literalmente são muitos, e vocês já sabem né, amo vocês.

Aos que contribuíram de forma direta ou indireta para que esse sonho se tornasse realidade, meu muito OBRIGADO.

## RESUMO

A etnobotânica é uma ciência que busca resgatar as informações sobre a utilização das plantas pelos homens em diversas comunidades. O objetivo desse estudo foi conhecer os vegetais utilizados pelas populações residentes na comunidade rural Assentamento Prado localizada nas proximidades do Distrito de Irrigação do Tabuleiros Litorâneos do Piauí, além de estimar os valores de uso das espécies, buscando assim manter a conservação. Foram entrevistados 24 informantes, sendo seis homens e 18 mulheres, com idades variando entre 30 a 74 anos por meio dos métodos de amostragem “bola-de-neve” e a técnica de “turnê-guiada” para coleta das espécies citadas. Em relação as formas de uso, a categoria alimentação humana foi mais a indicada. Foram calculados o valor de uso (VU), fator consenso dos informantes (FCI) e a importância relativa (IR) das espécies. Os resultados mostram 91 espécies e 75 gêneros, distribuídas em 47 famílias. Euphorbiaceae, Solanaceae, Anacardiaceae, Apocynaceae, Malvaceae e Rutaceae estiveram entre as mais representativas. As espécies que apresentaram maior VU foram *Mentha x villosa* Huds. (VU=1,16), *Plectranthus barbatus* Andrews. (VU=1,15), *Malpighia ermaginata* DC. (VU=1,14), *Anacardium occidentale* L. (VU=1,12), *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken (VU=1,12), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (VU=1,07) e *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (VU=1,07). A espécie *Lippia alba* (erva cidreira), com IR= 2,00, seguida de *Ocimum basilicum* L. (manjeriçã IR=1,55), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (malva IR= 1,35), *Plectranthus barbatus* Andrews. (boldo, IR= 1,30) e *Mentha x villosa* Huds. (hortelã, IR= 1,30) apresentaram maior IR. Foram identificados oito sistemas corporais, com maiores números de indicações doenças do aparelho circulatório (I00-I99), FCI=1,0. Os resultados encontrados no presente trabalho, permitem conhecer a diversidade de espécies botânicas com usos múltiplos que dispõem a comunidade e possibilita a conservação das mesmas.

**Palavras-chave:** Resgate de informações, etnobotânica, valor de uso.

## ABSTRACT

Ethnobotany is a science that search to retrieve information about the use of plants by men in various communities. The objective of this study was to know the plants used by the populations living in the rural community Settlement Prado located near the Piauí Coastal Irrigation District of the Tabuleiros Litorâneos of Piauí, and to estimate the values of use of the species, thus seeking to maintain conservation. Twenty-four informants were interviewed, six men and 18 women, ranging in age from 30 to 74 years using snowball sampling methods and the guided tour technique to collect the species mentioned. Regarding the forms of use, the category human food was more indicated. Use value (VU), informants consensus factor (FCI) and relative importance (RI) of the species were calculated. The results show 91 species and 75 genera, distributed in 47 families. Euphorbiaceae, Solanaceae, Anacardiaceae, Apocynaceae, Malvaceae and Rutaceae were among the most representative. The species with the highest VU were *Mentha x villosa* Huds (VU = 1.16), *Plectranthus barbatus* Andrews. (VU = 1.15), *Malpighia ermaganata* DC. (VU = 1.14), *Anacardium occidentale* L. (VU = 1.12), *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken (VU = 1.12), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (VU = 1.07) and *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (VU = 1.07). The species *Lippia alba* (lemongrass), with IR = 2.00, followed by *Ocimum basilicum* L. (basil IR = 1.55), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (mauve IR = 1.35), *Plectranthus barbatus* Andrews. (boldo, IR = 1.30) and *Mentha x villosa* Huds. (mint, IR = 1.30) presented higher IR. Eight body systems were identified, with higher indications of circulatory system diseases (I00-I99), FCI = 1.0. The results found in the present work allow to know the diversity of botanical species with multiple uses that dispose of the community and enable their conservation.

**KEYWORDS:** Information Retrieval, ethnobotany, use value.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Imagem da localização da área de estudo da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba, PI.....	18
Figura 2. Porcentagem do grau de escolaridade dos informantes da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba, PI.....	21
Figura 3. Porcentagem da renda mensal dos informantes da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba, PI.....	22
Figura 4. Percentual das formas de uso utilizadas pela população da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba, PI.....	30

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Espécies com potencial medicinal citadas pelos moradores da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba, PI. Importância Relativa = IR.....	23
Tabela 2. Consenso dos informantes da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba, PI. FCI = fator de consenso dos informantes.....	31

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	14
2.1 ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS NO BRASIL E NO NORDESTE.....	14
2.1.1 Estudos etnobotânicos no estado do Piauí.....	16
<b>3. MATERIAS E METODOS</b> .....	18
3.1 ÁREA DE ESTUDO.....	18
3.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	18
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	21
4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICOS DOS ENTREVISTADOS.....	21
4.2 DADOS SOBRE CONHECIMENTO DAS PLANTAS.....	23
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	33
<b>APENDICE A</b> .....	42
<b>APÊNDICE B</b> .....	43
<b>APÊNDICE C</b> .....	47

## 1. INTRODUÇÃO

O homem desde o início de sua existência, tem se relacionado com as plantas e animais. Ao longo do tempo, para suprir suas necessidades, era necessário retirar recursos provenientes da natureza, e dessa forma, garantir a sobrevivência e adaptação, assim, acumulavam experiências e criavam um acervo de informações sobre o ambiente (PATZALAFF, 2007).

A ciência responsável pelo resgate dessas informações é a etnobiologia, entendida como a ciência que compreende os conhecimentos e conceituações desenvolvidas pelas diversas sociedades e suas culturas acerca da biologia (POSEY, 1987). A etnobotânica, por sua vez, compreende os estudos das diversas sociedades e como elas interagem dos pontos de vista ecológico, genético, evolutivo, simbólico e cultural com as plantas (BECK e ORTIZ, 1997). Para os mesmos autores, os estudos relacionados com essa área do conhecimento têm facilitado a determinação de práticas apropriadas ao manejo da vegetação com finalidade utilitária, pois fazem o uso do saber das populações tradicionais para que problemas comunitários sejam solucionados ou para fins de conservação. Através do conhecimento etnobotânico de uma comunidade reúnem-se informações que são utilizadas como base para estudos descritivos dessas populações que utilizam as plantas para diversas finalidades, como por exemplo, na medicina popular, na alimentação, manufatura, construção, rituais, entre outros (BASTOS *et al.*, 2018).

As comunidades tradicionais sofrem grande influência do meio natural apresentando um modo de vida e cultura diferenciada. Estas estão ligadas diretamente aos ciclos naturais e sua forma de assimilar conhecimento, não está relacionada apenas com a experiência e racionalidade, mas por meio de valores, símbolos, crenças e mitos (MONTELES e PINHEIRO, 2007). O Brasil é composto por inúmeros povos indígenas e diversas comunidades tradicionais, além disso também é detentor de cerca de 22% de todas as espécies de plantas descritas no mundo, que são fontes de recursos genéticos, simbólicos e econômicos dessas comunidades e povos, tornando as pesquisas etnobotânicas de imensa importância (ALBUQUERQUE, 2004). Com toda essa diversidade de povos e ambientes, Barbosa; Mesquita; Aguiar (2012), constatam a necessidade do aumento de estudos etnobotânicos serem desenvolvidos no Brasil.

Nota-se um crescimento no interesse acadêmico relacionado aos saberes tradicionais dessas populações sobre as plantas e seus usos, uma vez que se tem constatado que o conhecimento empírico desenvolvido por eles ao longo de anos pode, em muitos casos, ter uma

comprovação científica, que habilitaria a extensão destes usos à sociedade industrializada (FARNSWORTH, 1988).

Na região Nordeste observa-se expressivos trabalhos com esse enfoque, nos quais podem ser citados, por exemplo, Cordeiro e Felix (2014); Neto *et al.*, (2014); Oliveira e Lucena (2015); Araújo e Lemos (2015); Vieira; Sousa; Lemos (2015); Oliveira *et al.* (2016); Gomes *et al.*, (2017) e Brito; Marín; Cruz (2017). Para o PiauÍ, os primeiros trabalhos relacionados a etnobotânica foram realizados por Vandeberg e Silva (1985) e Abreu (1996). Na região do extremo norte do Estado, alguns trabalhos recentes foram realizados (SOUZA; ARAUJO; LEMOS, 2015; SANTOS *et al.*, 2016; ALVES; MEIRELES; LEMOS, 2017; BRITO *et al.*, 2018; NASCIMENTO *et al.*, 2019).

A comunidade onde se realizou a pesquisa está localizada no entorno do Distrito de Irrigações dos Tabuleiros Litorâneos do PiauÍ (DITALPI), que é um polo de agricultura irrigado no município de Parnaíba. A produção orgânica de alimentos é uma das principais características desse distrito, principalmente para o cultivo de *Malpighia emarginata* DC. (acerola) sendo essa utilizada para fins comerciais, principalmente direcionada a indústria farmacêutica (BRITO *et al.*, 2018). De modo geral, as regiões de assentamentos no Brasil, são formadas por agricultores que possuem diversas origens. Nessas áreas a agricultura é voltada para a subsistência, entretanto poucos são os estudos que investigam o conhecimento etnobotânico nessas populações de assentamento rural, principalmente na região do Nordeste Brasileiro (BASTOS *et al.*, 2018). Com base nesse cenário, a construção desta proposta se justifica com o principal objetivo de conhecer os vegetais utilizados pelas populações residentes no Assentamento Rural Prado, buscar conhecimentos que auxiliem a conservação de plantas da região, com enfoque principal as de interesse econômico e estimar os valores de uso das espécies.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS NO BRASIL E NO NORDESTE

No Brasil, a flora vem sendo objeto de estudos desde os tempos coloniais, no qual Correia (1926/1978), realizou um dos primeiros trabalhos dedicados à investigação de maneira geral sobre todos os tipos de plantas de interesse econômico (BRITO, 2017). As pesquisas etnobotânicas tiveram início no Brasil a partir de comunidades indígenas situadas na região Amazônica, esses estudos ficaram restritos por um tempo a essa região do País, entretanto nos dias atuais esses estudos são bastante expressivos (LEMOS, 2018).

Na Região Sul do Brasil, trabalhos etnobotânicos com enfoque medicinal foram realizados nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná como é o caso de Lobler *et al.* (2014), Lopes *et al.* (2015) e Dluzniewski e Muller (2018). O Sudeste apresenta estudos executados nas zonas urbanas, entre eles, Liporacci e Simão (2013), no Bairro Novo, Ituiutaba-MG, assim como em São Paulo e Espírito Santo (MEDEIRO; SILVA; SENNA-VALLE, 2004; TROTTA *et al.*, 2012; QUEIROS E LAMANO-FERREIRA, 2014).

Para a região Centro-Oeste levantamentos com participação de raizeiros que comercializam plantas medicinais são encontrados em Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (NUNES *et al.*, 2003; FREITAS *et al.*, 2013; e SOUZA *et al.*, 2016). No Norte do país expressivos trabalhos são produzidos em diversas comunidades tradicionais, como o realizado por Pereira e Ferreira, (2017), em uma comunidade quilombola no município de Abaetetuba, Pará. Diversos outros trabalhos realizados nos estados do Acre, Amazonas, Pará e Tocantins podem ser encontrados na literatura (NASCIMENTO, 2010; MARTINS *et al.*, 2012; CAMPOS *et al.*, 2015; VEIGA e SCUDELLER, 2015).

A Região Nordeste possui uma área de 1.554.291,6 km<sup>2</sup>, que corresponde a 18,2% de todo o território brasileiro, possuindo cerca de 56,72 milhões de habitantes segundo a estimativa do IBGE (2018). Segundo Araújo (2011), essa região apresenta um clima do tipo semiárido em sua maioria e tem como principais características, os solos rasos e pedregosos, elevada taxa de transpiração e relevo variável.

No estado de Pernambuco, os estudos foram realizados em regiões de domínio do bioma Caatinga, situados na mesorregião do agreste do Estado, em diversas comunidades rurais (SILVA e ANDRADE, 2013; LIMA, 2015; NASCIMENTO; SILVA; RAMOS, 2018; GOMES, 2019). Na Paraíba levantamentos de plantas com fins medicinais foram desenvolvidos

em diversas comunidades rurais, que também estão localizadas na região da Caatinga, com o objetivo de analisar a utilização vegetal na medicina popular (AZEVEDO *et al.*, 2010; SANTOS *et al.*, 2012; MARREIROS *et al.*, 2015; COSTA e MARINHO, 2016).

Em Sergipe pesquisas com diferentes enfoques foram produzidas, por exemplo, o estudo das espécies madeireiras de uso combustível em uma área de restinga (OLIVEIRA; SANTOS; GOMES, 2013). Nesse Estado, observa-se também levantamentos sobre o saber popular na utilização de plantas medicinais nos municípios de Lagarto (CAETANO *et al.*, 2015; SANTOS e PADRÃO, 2016) e Aracaju (VASCONCELO e BARRETO, 2017). Ainda sobre estudos com plantas medicinais, no Rio Grande do Norte encontra-se trabalhos tanto em regiões de zona urbana (GUERRA *et al.*, 2007; MOSCA e LOIOLA, 2009; ROCHA., MEDEIROS; SILVA, 2010), quanto em regiões de zona rural (ROQUE., ROCHA; LOIOLA, 2010; FREITAS *et al.*, 2012; FREITAS *et al.*, 2015).

Na Bahia, levantamentos de plantas com ações parasitárias foram realizados em duas aldeias indígenas no território Kantaruré município de Glória situado no nordeste do estado (SANTOS-LIMA *et al.*, 2016, SANTOS *et al.*, 2018). Entre outros trabalhos de cunho etnobotânico no Estado, estão o estudo produzido por Pires *et al.* (2009) em terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Neto *et al.* (2014) na mesorregião metropolitana de Salvador, Nascimento *et al.* (2015) na região Oeste da Bahia e Manganelli *et al.* (2018) e na região do extremo Sul Baiano. Em Alagoas são registradas pesquisas com plantas medicinais em diversos tipos de ambientes, como por exemplo, feiras livres (LÓS., BARROS; NEVES, 2012), comunidades de zona rurais (LIMA *et al.*, 2017, DANTAS e TORRES, 2019) e em um assentamento de rezeiras localizado no agreste do Estado (SANTOS e SILVA, 2015).

No Ceará existe registro em diversos municípios, Soares *et al.* (2015), por exemplo, realizaram um estudo etnobotânico e etnofarmacológico de *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel em três mercados nos municípios de Crato, Fortaleza e Pacajus. A maioria dos raizeiros relataram o uso do látex extraído da espécie para o tratamento de diversas doenças, desde infecções na pele até o câncer. Outras pesquisas em diversos municípios do Estado podem ser encontradas (OLIVEIRA e ARAUJO, 2007, OLIVEIRA e LUCENA, 2015, OLIVEIRA *et al.*, 2016, SANTOS *et al.*, 2017).

Meireles *et al.* (2018), no Maranhão resgataram o conhecimento tradicional e conservação das espécies na RESEX Delta do Parnaíba, com registro de seis categorias de uso, sendo as de uso medicinal, construção civil e alimentícia as que obtiveram maior percentual de citações. As espécies que apresentaram maiores valores de uso foram mangue-vermelho

(*Rhizophora mangle* L.), carnaúba (*Copernicia prunifera* (Mill) H.E. Moore) e caju (*Anacardium occidentale* L.). Além disso, também são encontrados levantamentos realizados em feiras livres de São Luiz (SILVEIRA *et al.*, 2011, CUNHA *et al.*, 2015), assim como em comunidades indígenas (COUTINHO; TRAVASSOS; AMARAL, 2002), comunidade tradicional de assentamento (REGO *et al.*, 2016), e em um quilombo do município de Presidente Juscelino (MONTELES e PINHEIRO, 2007).

### 2.1.1 Estudos etnobotânicos no estado do Piauí

O Piauí possui uma extensão territorial de 252.378 km<sup>2</sup>, e está localizado em uma região de tensão ecológica, influenciada pela Floresta Amazônica, Cerrado do Planalto Central e Caatinga (OLIVEIRA, 2008). Pode-se observar um crescimento na realização de trabalhos voltados para a etnobotânica no Estado, todavia torna-se necessário o desenvolvimento de mais estudos para o melhor conhecimento diante da grande diversidade apresentada nessa região. Baptistel *et al.*, (2014), afirmam que no Estado a quantidade de estudos ainda não é suficiente e o componente vegetal está pouco amostrado, ocorrendo assim a formação de lacunas de conhecimento.

Na região Sul, alguns trabalhos foram realizados em comunidades tradicionais marcadas por apresentar áreas de transição entre os biomas Caatinga e Cerrado (BAPTISTEL *et al.*, 2014), além de outros estudos desenvolvidos nessa região nos municípios de Currais e Corrente (BARBOSA; MESQUITA; AGUIAR, 2012, RIBEIRO *et al.*, 2014). O Centro Sul do Estado, apresenta principalmente trabalhos abordando apenas a categoria medicinal (BARROS; OLIVEIRA; ABREU, 2018, OLIVEIRA; BARROS; MOITANETO, 2010, SILVA *et al.*, 2014), entretanto estudos abordando outras categorias também foram produzidos, por exemplo Silva; Oliveira; Abreu (2018), verificaram o conhecimento de uma comunidade rural piauiense, no município de Monsenhor Hipólito, sobre as plantas de uso místico cultivadas nos quintais.

No Norte do Piauí, levantamentos sobre o conhecimento etnobotânico com diferentes enfoques foram realizados, como exemplo, para os usos madeireiro e medicinal em comunidades rurais (FILHO *et al.*, 2016; FILHO *et al.*; 2017, AGUIAR e BARROS, 2012; BANDEIRA; SILVA; BRITO, 2015; NETO; BARROS; SILVA, 2015; GOMES *et al.*, 2017), assim como hortas comunitárias e mercado central do município de Teresina (CONCEIÇÃO *et al.*, 2011; PORTO e SILVA, 2012).

Chaves e Barros (2012), em um estudo sobre as plantas de uso terapêutico produzido no município de Cocal, na Área de Proteção Ambiental da Serra da Ibiapaba, registraram 76 taxa, distribuídos em 61 gêneros e 36 famílias. Destes, as famílias mais ricas foram Fabaceae, Euphorbiaceae e Solanaceae. Em relação ao número de indicações de uso medicinal, as espécies que mais se destacaram foram *Ximenia americana* L., *Tabebuia impetiginosa* (Mart.) Standl. e *Anacardium occidentale* L. Sobre o preparo dos remédios, a parte mais utilizada foram as cascas.

Ainda na região Norte, Sousa; Araújo; Lemos (2015), investigaram sobre as diversas utilidades das espécies de vegetação nativa no município de Buriti dos Lopes. Os autores identificaram 60 espécies, distribuídas em 25 famílias, sendo Fabaceae a mais representativa. As categorias mais citadas foram medicinal, alimentícia e madeireira. Dentre as espécies que apresentaram maior valor de uso, estava *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore.

Na zona rural de Luiz Correia, Araújo e Lemos (2015), analisaram as plantas medicinais utilizadas pelos moradores da comunidade. Foram identificadas 62 espécies e 38 famílias. As famílias Fabaceae, Lamiaceae, Euphorbiaceae, Anacardiaceae, Myrtaceae e Rutaceae foram as mais ricas em espécies. O chá em forma de decocção foi o que obteve maior indicação e a parte mais utilizada foram as folhas.

Farias *et al.* (2016), no estudo sobre as plantas inseticidas e repelentes utilizadas por uma comunidade rural no município de Parnaíba, entrevistaram 174 moradores que citaram 17 espécies pertencentes a 14 famílias. Dentre as mais representativas estavam a família Meliaceae, Lamiaceae e Poaceae. As plantas citadas eram usadas contra mosquitos/borrachudos e o vetor da dengue, além de formigas e lagartas. A espécie *Azadirachta indica* A. Juss apresentou destaque como a mais utilizada.

Silva *et al.* (2017), através de estudos etnobotânicos da palmeira babaçu em comunidades extrativistas localizadas no município de Esperantina, identificaram 52 tipos de usos, distribuídos em oito categorias, sendo a alimentícia a mais citada. As folhas e frutos foram as partes mais importantes da planta em relação aos tipos de uso.

Brito *et al.* (2018), resgataram os conhecimentos de comunidades envolvidas com o Distrito de Irrigação dos Tabuleiros Litorâneos do Piauí e identificaram 70 taxa. A principal fonte de utilização das plantas foi relacionada a alimentação humana. As espécies que alcançaram maior Importância Relativa (IR) foram *Mentha x villosa* Huds., *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br., *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. e *Myracrodruon urundueva* Allemão.

### 3. MATERIAIS E METODOS

#### 3.1 ÁREA DE ESTUDO

O presente trabalho foi realizado na comunidade rural do assentamento Prado, localizada no município de Parnaíba, na região litorânea do Estado. O município encontra-se ao norte do estado ( $02^{\circ}54'17''$  S e  $41^{\circ}46'36''$  W). O clima caracteriza-se por ser alternadamente úmido e seco, com temperaturas médias entre  $22^{\circ}$  a  $32^{\circ}$ C. Possui vegetação predominante de mangue, restingas e caatinga arbustiva. A precipitação pluviométrica anual é de 1.384mm (IBGE, 2002). A comunidade é composta por 73 residências, uma escola municipal voltada para alunos locais, uma sede da associação de moradores e três templos religiosos sendo um católico e dois protestantes.

**Figura 1** – Imagem da localização da área de estudo, da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba, Piauí.



#### 3.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados foi obtida através da aplicação de 24 questionários semi-estruturados, seguindo a proposta de Begossi (2004), que afirma ser uma amostra representativa em comunidades com mais de 50 pessoas a proporção de 25% a 80% de entrevistados, sendo coletadas informações etnobotânicas e socioeconômicas da população.

As visitas ao campo foram realizadas entre agosto de 2018 a agosto de 2019. Inicialmente o trabalho foi apresentado para a comunidade por meio de conversas para que a mesma soubesse a importância de sua contribuição para a pesquisa. Em seguida, foi solicitado a permissão para participar através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE). O trabalho teve início apenas após aprovação pelo comitê de ética em Pesquisa (CONEP e CEP/UESPI, CAAE: 87606118.3.0000.5209). Em seguida, para a coleta de informações foi adotada a técnica de amostragem “bola-de-neve” (BAYLEY, 1982), onde o entrevistado indicava outro informante que possuía um grande conhecimento local sobre a utilização da flora. Também foi utilizada a técnica “turnê-guiada” (BERNARD, 1988) para a coleta das plantas que foram citadas nas listas, essas coletas eram sempre acompanhadas pelo entrevistado.

Todas as plantas mencionadas pela população com potencial etnobotânico foram coletadas, incluindo ervas, subarbustos, arbustos, árvores e lianas, seguindo as técnicas usuais para coleta de material botânico (FONT-QUER, 1973; MORI *et al.*, 1989). O material foi levado a laboratório de biologia da Universidade Estadual do Piauí campus Alexandre Alves de Oliveira para triagem e identificação. As identificações foram realizadas inicialmente através de consultas à literatura especializada disponível (por exemplo, SOUZA e LORENZI; 2008), por comparação com exemplares já incluídos no herbário Afrânio Fernandes (HAF/UESPI) e, por fim, procedidas e/ou confirmadas por especialistas em grupos taxonômicos. As espécies foram classificadas em famílias de acordo com o sistema do Angiosperm Phylogeny Group IV (2016). O banco de dados Trópicos, do Missouri Botanical Garden (MOBOT, 2019), foi consultado para conferência da grafia dos nomes científicos das espécies e dos autores.

Para análise quantitativa dos dados, foi calculado o valor de uso (VU), utilizado para medir a importância das plantas para a população estudada, através da fórmula proposta por Phillips e Gentry (1993) e modificada por Rossato *et al.* (1999). Onde  $VU = U_i/n$ ; em que:  $U_i$  = número de citações de uso, mencionados por cada informante,  $n$  = número total de informantes. O valor de uso calculado envolveu as categorias de uso em geral. Para cada espécie medicinal citada, foi calculada a importância relativa (IR), baseando-se na proposta de Bennett e Prance (2000), onde  $IR = NSC + NP$ , na qual  $NSC = NSCE/NSCEV$  e  $NP = NPE/NPEV$ . NSCE é o número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie, NSCEV o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil, NPE o número de propriedades atribuídas para uma determinada espécie e NPEV o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil. O valor máximo do IR obtida por uma espécie é no máximo 2. Para a categoria medicinal foi também calculado, o Fator de Consenso dos Informantes (FCI), através da fórmula  $FCI = n_{ar} - n_a / n_{ar} - 1$ , adaptada de Trotter e Logan (1986), onde:  $n_{ar}$  = somatório de todos os usos registrados por cada informante para uma categoria;  $n_a$  = número de espécies indicadas naquela dada categoria.

As categorias de doenças ou sintomas seguiram a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) organizados de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2000) e somente em seguida calculados o Fator de Consenso dos Informantes (FCI).

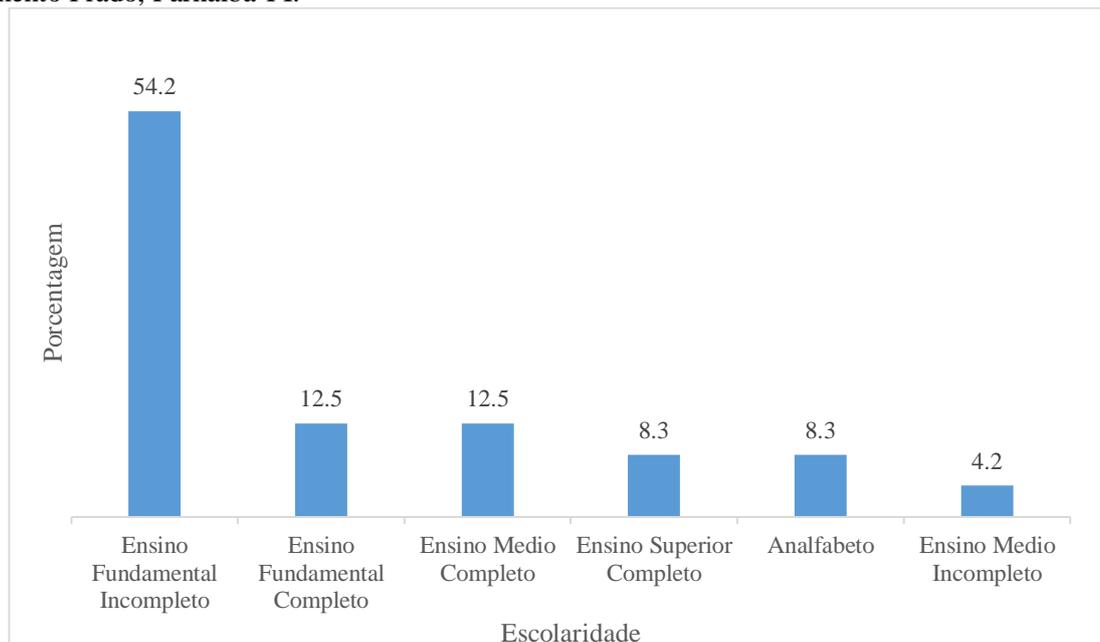
## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICOS DOS ENTREVISTADOS

Participaram da pesquisa 24 informantes, sendo seis homens e 18 mulheres com idade variando entre 30 e 74 anos. A maior parte dos entrevistados era natural do Piauí (Parnaíba, Buriti dos Lopes, Porto Piauí, Batalha e Piracuruca), sendo a grande maioria parte do município de Parnaíba. Moradores dos estados do Ceará e São Paulo também foram registrados. O tempo de residência dos moradores na comunidade variava entre dois e 17 anos.

Com relação ao nível de escolaridade dos informantes, verificou-se o baixo índice de instrução (Figura 2). Resultados similares também foram relatados em outros trabalhos etnobotânicos realizados no Piauí (VIEIRA e LOIOLA, 2014; FARIAS, 2016; GOMES *et al.*, 2017; SILVA *et al.*, 2017). Alguns depoimentos relataram que foi necessário abandonar os estudos para trabalhar, e dessa forma auxiliar na renda familiar. Outros informantes deram continuidade aos seus estudos na escola localizada na comunidade, na modalidade EJA.

**Figura 2.** Porcentagem do grau de escolaridade dos informantes da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba-PI.

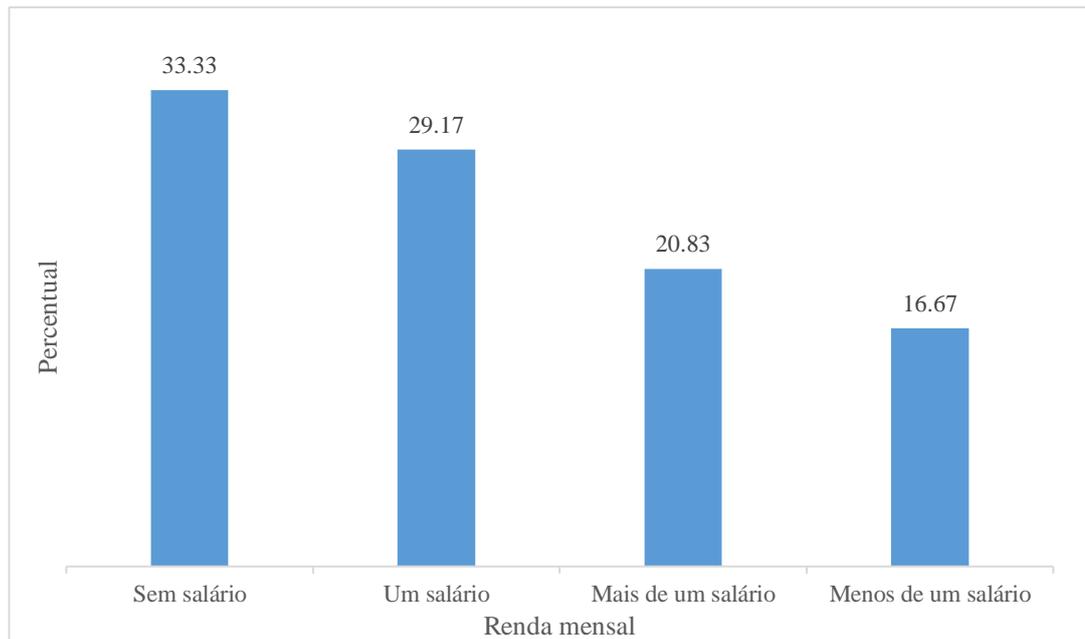


Com relação a religião, a maioria declarou-se evangélico (54,17%), enquanto os demais consideravam-se católicos (45,83%). Esse resultado difere de diversos trabalhos que apresentam a sua maioria de entrevistados como católicos, por exemplo, o estudo de Oliveira, Barros, Moitaneto (2010), sobre o uso fitoterápicos em comunidades rurais do município de Oeiras (PI), onde 75% dos entrevistados se consideravam católicos. Quanto a etnia, a maioria (66,67%) se autodeclarou pardo, sendo os demais negros (20,83%), brancos (8,33%) e índios (4,17%).

Quanto ao estado civil, a maioria é casada (54,16%), enquanto 29,17% são solteiros, 8,33% divorciados, 4,17% viúvos e 4,17% desquitados. Esse resultado mostrou-se semelhante a estudo realizado em comunidades rurais no Piauí (BARROS; OLIVEIRA; ABREU, 2018; RIBEIRO *et al.*, 2014), onde a condição de casado sobressaiu-se as outras formas de relacionamento.

No que diz respeito a renda mensal, a grande parte dos entrevistados afirmaram não receber nenhum tipo de auxílio do Governo Federal. A principal atividade realizada pelos moradores da comunidade é a agricultura de onde a maior parte diz retirar seu sustento. Além de agricultores, outras atividades são desenvolvidas por uma minoria na comunidade (pescador, professora e zeladora). As mulheres que assumem o papel de dona de casa foram as pessoas que declararam não receber nenhum tipo de renda. As rendas mensais variaram de R\$ 50,00 a R\$ 3.200,00, sendo que algumas pessoas, exerciam mais de uma atividade, por exemplo, a venda de artesanatos, aumentando dessa forma sua renda (Figura 03).

**Figura 3.** Porcentagem da renda mensal dos informantes da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba-PI.



Em relação a participação de associações, 83,33% disseram participar, enquanto 16,67% não participam de nenhum tipo de associação ou cooperativas. A maioria dos informantes (83,34%) durante a entrevista disseram não acreditar lendas, entretanto 16,6% afirmaram acreditar, como por exemplo, no “lobisomem” e no “assoviador” que são lendas locais.

#### 4.2 DADOS SOBRE CONHECIMENTO DAS PLANTAS

Foram identificadas 91 espécies e 75 gêneros que estão distribuídos em 47 famílias (Tabela 1). As famílias representadas por maior número de espécies foram Euphorbiaceae (seis), seguida de Lamiaceae e Solanaceae (cinco), já a família Apocynaceae, Anacardiaceae, Malvaceae e Rutaceae apresentaram quatro espécies cada. Em outros estudos realizados no Piauí a família Euphorbiaceae também aparece entre as mais citadas, uma vez que a região Nordeste apresenta grande diversidade de espécies da família (BASTOS *et al.*, 2018; BAPTISTEL *et al.*, 2014; ARAUJO e LEMOS, 2015).

A maioria das plantas citadas são utilizadas na alimentação humana (41,5%), seguida das categoria medicinal (26,6%), ornamental (24,5%), madeireira (4,3%), místico religioso (2,1%) e tóxica (1,0%). Outros estudos realizados no Piauí, também registram a categoria alimentícia como sendo a mais utilizada (BRITO *et al.*, 2018; SILVA, LOPES e BARROS, 2013). Ainda em relação a trabalhos no Estado, uso de fitoterápicos destaca-se como os mais

citados nas pesquisas (CHAVES, 2005, FRANCO, BARROS, 2006; AMORIM, 2010, SOUSA, ARAUJO, 2015; SANTOS *et al.*, 2016).

**Tabela 1.** Espécies com potencial de usos múltiplos citadas pelos moradores da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba -PI. Importância Relativa = IR.

<b>Família/Nome científico</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Categoria de uso</b>	<b>IR</b>	<b>VU</b>
<b>Amaranthaceae</b>				
<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlík ex. R. E. Fr.	Penicilina	medicinal	0,45	1,0
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mastruz	medicinal	1,1	1,0
<b>Amaryllidaceae</b>				
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebola de palha	alimentícia	---	0,5
<b>Anacardiaceae</b>				
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	alimentícia	---	1,12
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	alimentícia	---	1,0
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	alimentícia	---	1,0
<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela	alimentícia	---	1,0
<b>Annonaceae</b>				
<i>Annona squamosa</i> L.	Ata/Ata roxa	alimentícia	---	1,0
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	alimentícia e medicinal	0,45	1,0
<b>Apiaceae</b>				
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	alimentícia	---	1,0
<b>Apocynaceae</b>				
<i>Allamanda cathartica</i> L.	Dedal de ouro	ornamental	---	1,0
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa noite	ornamental	---	1,0
<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	ornamental e toxica	---	1,0
<i>Plumeria pudica</i> Jacq.	Jasmim	ornamental	---	1,0
<b>Arecaceae</b>				
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	alimentícia	---	1,0
<b>Araceae</b>				

<b>Família/Nome científico</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Categoria de uso</b>	<b>IR</b>	<b>VU</b>
<i>Caladium</i> sp.	Pica pau	ornamental	---	1,0
<i>Dieffenbachia</i> sp.	Comigo ninguém pode	ornamental	---	1,0
<b>Asparagaceae</b>				
<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort. Ex Prain.	Espada de São Jorge	místico-religiosa	---	1,0
<b>Asphodelaceae</b>				
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	medicinal	0,9	1,0
<b>Aspleniaceae</b>				
<i>Asplenium trichomanes</i> L.	Samambaia	ornamental	---	1,0
<b>Asteraceae</b>				
<i>Acmella ciliata</i> (Kunth) Cass.	Alface	alimentícia	---	1,0
<i>Lactuca sativa</i> L.	Agrião	alimentícia	---	1,0
<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	Zima	ornamental	---	1,0
<b>Bignoniaceae</b>				
<i>Tecomis stans</i> (L.) Juss ex. Kunth.	Ipêzinho	ornamental	---	1,0
<b>Bixaceae</b>				
<i>Bixa orellana</i> L.	urucum	alimentícia	---	1,0
<b>Braassicaceae</b>				
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	alimentícia	---	1,0
<b>Bromeliaceae</b>				
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi com espinho / Abacaxi sem espinho	alimentícia	---	1,0
<b>Caricaceae</b>				
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	alimentícia	---	1,0
<b>Chrysobalanaceae</b>				
<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	Oití	madeireira	---	0,04
<b>Costaceae</b>				
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caninha da índia	medicinal	0,9	1,0
<b>Combretaceae</b>				
<i>Combretum mellifluum</i> Eichler.	Mufumbo	madeireira	---	1,0

<b>Família/Nome científico</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Categoria de uso</b>	<b>IR</b>	<b>VU</b>
<b>Crassulaceae</b>				
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken.	Corona	medicinal	1,1	1,12
<b>Curcubitaceae</b>				
<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.	Melancia	alimentícia	---	1,0
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	alimentícia	---	1,0
<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abobora	alimentícia	---	1,0
<b>Euphorbiaceae</b>				
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Macaxeira/ Mandioca	alimentícia	---	1,2
<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. Ex A. Juss.	Pingo de ouro	ornamental	---	1,0
<i>Euphorbia</i> sp.	Coroa de Cristo	ornamental	---	1,0
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Cachorro pelado	medicinal	0,45	1,0
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pião roxo	místico-religiosa	---	1,0
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	medicinal	0,45	1,0
<b>Fabaceae</b>				
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	alimentícia	---	1,0
<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) L.P. Queiroz.	Catingueira	madeireira	---	1,0
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarinda doce	alimentícia	---	1,0
<b>Iridaceae</b>				
<i>Eleutherine</i> sp.	Palmeirinha	medicinal	0,45	1,0
<b>Lamiaceae</b>				
<i>Clerodendrum thomsoniae</i> Balf.	Chapéu de malandro	ornamental	---	1,0
<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Hortelã	medicinal	1,30	1,16
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	medicinal	1,55	1,0
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva verde/ Malva branca	medicinal	1,35	1,07
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews.	Boldo	medicinal	1,30	1,15
<b>Lauraceae</b>				

<b>Família/Nome científico</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Categoria de uso</b>	<b>IR</b>	<b>VU</b>
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	alimentícia	---	1,0
<b>Lythraceae</b>				
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	medicinal	0,45	1,0
<b>Malpighiaceae</b>				
<i>Bysonima crassifolia</i> (L.) Rich.	Murici	alimentícia	---	1,0
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Acerola	alimentícia	---	1,14
<b>Malvaceae</b>				
<i>Ceiba</i> sp.	Barriguda	ornamental	---	1,0
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench.	Quiabo	alimentícia	---	1,0
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	medicinal	0,65	1,0
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Vinagreira	ornamental	---	1,0
<b>Meliaceae</b>				
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Nim	madeireira	---	0,45
<b>Moraceae</b>				
<i>Morus</i> sp.	Amora	medicinal	0,45	1,0
<b>Musaceae</b>				
<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana	alimentícia	---	1,0
<b>Myrtaceae</b>				
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	alimentícia e medicinal	0,45	1,0
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	alimentícia	---	1,0
<b>Nephrolepidaceae</b>				
<i>Nephrolepis</i> sp.	Samambaia	ornamental	---	1,0
<i>Nephrolepis</i> sp.	Samambaia	ornamental	---	1,0
<b>Oxalidaceae</b>				
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	alimentícia	---	1,0
<b>Passifloraceae</b>				
<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Maracujá	alimentícia	---	1,0
<b>Phyllanthaceae</b>				

<b>Família/Nome científico</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Categoria de uso</b>	<b>IR</b>	<b>VU</b>
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	medicinal	0,45	1,0
<b>Poaceae</b>				
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim limão	medicinal	0,45	1,0
<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	Citronela	medicinal	0,45	1,0
<i>Zea mays</i> L.	Milho	alimentícia	---	1,0
<b>Portulacaceae</b>				
<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Onze horas	ornamental	---	1,0
<b>Rosaceae</b>				
<i>Rosa</i> sp.	Rosa	ornamental	---	1,0
<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa menina	ornamental	---	1,0
<b>Rubiaceae</b>				
<i>Ixora coccinea</i> L.	Alfinete	ornamental	---	1,0
<b>Rutaceae</b>				
<i>Citrus limonum</i> Risso	Limão	alimentícia e medicinal	0,45	1,2
<i>Citrus x aurantium</i> L.	Laranja	alimentícia	---	1,0
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	alimentícia	---	1,0
<i>Citrus</i> sp.	Limão doce		---	1,0
<b>Sapotaceae</b>				
<i>Manikara zapota</i> (L) P. Royen	Sapoti	alimentícia	---	1,0
<b>Solanaceae</b>				
<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimentão	alimentícia	---	1,0
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta de cheiro	alimentícia	---	1,0
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta malagueta	alimentícia	---	1,0
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	alimentícia	---	1,0
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Pé de fumo	medicinal	0,45	1,0
<b>Verbenaceae</b>				

<b>Família/Nome científico</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Categoria de uso</b>	<b>VU</b>	<b>IR</b>
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva cidreira	medicinal	2,0	1,07
<i>Lippia microphylla</i> Cham.	Alecrim	medicinal	0,45	0,04
<b>Zingiberiaceae</b>				
<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	Gengibre	medicinal	0,45	1,0
<b>Desconhecidas</b>				
Desconhecida	Bunina branca	ornamental	---	
Desconhecida	Laura rosa	ornamental	---	
Desconhecida	Rosa Dália	ornamental	---	

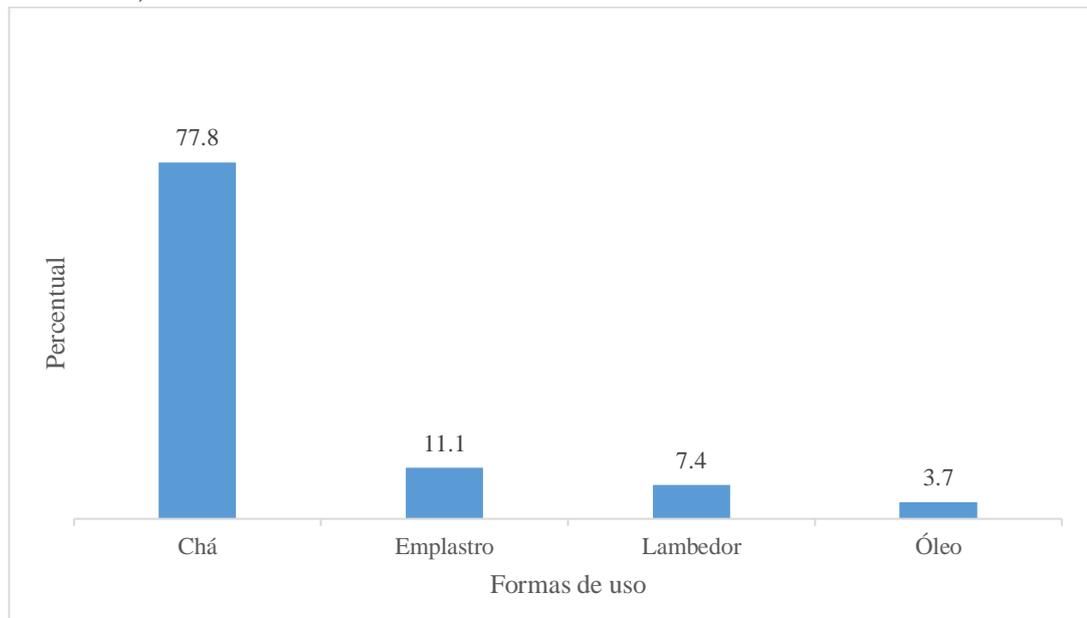
O conhecimento sobre a utilização das plantas foi herdado em sua maioria pelos pais, seguido pelo conhecimento herdado dos avós. Brito; Marín; Cruz (2017), estudaram assentamentos rurais em uma área de proteção (APA) no litoral do Nordeste Paraibano Brasileiro, e detectaram que os conhecimentos sobre os usos das plantas também foram adquiridos em sua maioria através dos pais ou parentes próximos. Resultados semelhantes têm sido evidenciados em outros estudos no Piauí (GOMES *et al.*, 2017; BASTOS, 2012), assim também como no estado do Ceará (SILVA *et al.*, 2015).

A parte mais consumida pelos informantes referentes as plantas alimentícias foram os frutos (80,7%), seguido das folhas (12%), sementes (4,9%) e raízes (2,4%). Nascimento *et al.* (2015), em uma pesquisa realizada no município de Barreiras, localizado no extremo Oeste da Bahia também declararam o fruto como a parte mais consumida. No Piauí Brito *et al.* (2018), apresentaram resultados semelhantes, onde os frutos representaram 69,7%, folhas 18,2%, raiz e sementes 6,1%.

Durante as entrevistas observou-se que as partes mais utilizadas como fitoterápicos foram as folhas (73,4%), seguidamente dos frutos (13,4%), cascas (3,3%), látex (3,3%), sementes (3,3%) e raízes (3,3%). Diversos estudos realizados no Nordeste apresentam a utilização das folhas como sendo a mais citada no uso medicinal (FRANCO; BARROS, 2006; RODRIGUES; ANDRADE, 2014, VIEIRA; SOUSA; LEMOS, 2015; COSTA; MARINHO, 2016; SANTOS *et al.*, 2018). A forma de preparo mais citadas foi o chá, seguido do emplastro, lambedor e óleo (Figura 4). Outros estudos etnobotânicos desenvolvidos no Piauí mostram os

chás como a forma de uso mais comum (AGUIAR, 2009; CHAVES; BARROS, 2012; NASCIMENTO *et al.*, 2019).

**Figura 4.** Percentual das formas de uso utilizadas pela população da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba-PI.



As espécies *Citrus limonum* Risso (limão), *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (erva cidreira), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (capim limão) e *Plectranthus barbatus* Andrews. (boldo) estavam entre as espécies medicinais mais citadas. Já as espécies alimentícias que apresentaram maior número de citações foram *Anacardium occidentale* L. (caju), *Malpighia ermaginata* DC. (acerola), *Zea mays* L. (milho) e *Phaseolus vulgaris* L. (feijão).

Dentre as espécies que apresentaram maior valor de uso destacaram-se *Mentha x villosa* Huds com (VU=1,16), *Plectranthus barbatus* Andrews. (VU= 1,15), *Malpighia ermaginata* DC. (VU=1,14), *Anacardium occidentale* L. (VU=1,12), *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken (VU=1,12), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (VU=1,07) e *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (VU=1,07). Destas, exceto *Mentha x villosa* Huds, *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. e *Bryophyllum pinnatum* (Lam.), Oken estiveram entre as que apresentaram maior valor de uso no trabalho de Brito *et al.* (2018). A semelhança entre esses trabalhos pode estar relacionada a proximidade entre as duas comunidades, já que o Assentamento Prado se encontra nas imediações do DITALPI, local onde o estudo de Brito *et al.* (2018) foi realizado. *Malpighia ermaginata* DC. e *Anacardium occidentale* L. são produzidas comercialmente no Distrito de Irrigação dos Tabuleiros Litorâneos do Piauí pelo valor nutricional e econômico,

podendo ser essa outra causa da similaridade encontrada nos resultados de valor de uso. A segunda espécie ainda é nativa do litoral do nordeste Brasileiro.

Com relação a Importância Relativa, a espécie mais versátil ou importante foi *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (erva cidreira), com IR= 2,00, seguida de *Ocimum basilicum* L. (manjerição IR=1,55), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (malva IR= 1,35), *Plectranthus barbatus* Andrews. (boldo, IR= 1,30) e *Mentha x villosa* Huds. (hortelã, IR= 1,30). A espécie *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. também esteve entre as espécies mais versáteis no trabalho realizado por Gomes *et al.* (2017) em Bezerro Morto, São João da Cana Brava, Piauí, e a espécie *Plectranthus barbatus* Andrews. na pesquisa produzida por Neto, Barros, Silva (2015) em Campo Maior, PI. A erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.) foi indicada para pressão alta, calmante, gastrite, colesterol e mal-estar. Segundo Mattos *et al.* (2007), a espécie possui propriedades analgésica, sedativa, ansiolítica, calmante, antiespasmódica, e expectorante, sendo assim um dos fitoterápicos mais utilizado no Brasil.

As categorias de doença ou indicações terapêuticas que atingiram o maior índice no FCI foram as relacionadas a doenças do aparelho circulatório, FCI=1,0, doenças do aparelho respiratório, FCI=0,7, doenças do aparelho digestório, FCI=0,7, sintomas e sinais gerais, FCI= 0,6, e agentes de infecções bacterianas, virais e outros agentes infecciosos, FCI=0,5. Santos *et al.* (2019), em um estudo sobre as plantas medicinais comercializadas em mercados públicos em Parnaíba-PI obtiveram os maiores FCI relacionado as inflamações e sinais gerais, doenças do sistema digestório, e doenças do sistema respiratório. As doenças do aparelho circulatório tiveram destaque em uma pesquisa realizada na zona urbana de Cajueiro da Praia, Piauí por Santos *et al.* (2016). Doenças de pele, dermatite, unha, obtiveram o menor índice, FCI=0, significando que não houve concordância quanto ao uso de nenhuma planta.

**Tabela 2.** Consenso dos informantes da comunidade rural Assentamento Prado Parnaíba PI. FCI= fator de consenso dos informantes.

CATEGORIA DE DOENÇAS CONFORME O CID 10	FCI
(I00-I99) Doenças do aparelho circulatório	1,0
(J00-J99) Doenças do aparelho respiratório	0,7
(K00-K93) Doenças do aparelho digestivo (estômago, fígado, etc.), dentição...	0,7
(R50-R69) Sintomas e sinais gerais	0,6
(A00-B97) Agentes de infecções bacterianas, virais e outros agentes infecciosos	0,5
((E00-E90) Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	0,4

(N00-N99) Doenças do aparelho geniturinário	0,2
(L00-L99) Doenças de pele, dermatite, unha	0

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permite reconhecer a diversidade de espécies e a potencialidade de utilização alimentícia, medicinal, ornamental, madeireira, místico-religiosa e tóxica presente na comunidade Assentamento Prado, por meio do amplo conhecimento tradicional herdado pela população local. Os moradores, recorrem a utilização das diversas espécies presentes na comunidade para tratamento e cura de diversas enfermidades, para complementação de sua dieta, e para ornamentação de suas residências.

Observou-se que, mesmo diante dos avanços tecnológicos que auxiliam a medicina atual, os moradores ainda recorrem principalmente aos seus quintais para a utilização dos fitoterápicos na produção de chás e lambedores para tratamentos de diversas doenças, já que a comunidade não possui uma Unidade Básica de Saúde. Estudos em comunidades que utilizam plantas como um recurso, pode ser considerada uma ferramenta que possibilite a conservação das espécies, além do resgate de informações sobre a potencialidade da flora local.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, J. R. Plantas medicinais comercializadas em mercados públicos e feiras livres na cidade de Teresina-PI. II. Atividades Biológicas e Banco de Dados. *In.* V Seminário de Iniciação Científica da Universidade Federal do Piauí, Teresina, **Resumos...** Teresina, 1996.
- AGUIAR, L. C. G. G. **Etnobotânica em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado Piauiense (município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 134p, 2009.
- AGUIAR, L.C.G.G.; BARROS, R.F.M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v. 14, n. 03, p. 419-434, 2012.
- ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobotânica aplicada para a conservação da biodiversidade**.p. 139-158. 2004.
- ALVES, M. H.; MEIRELES, M. P. A.; LEMOS, J.R. Percepção dos alunos de duas escolas do ensino básico sobre plantas medicinais, município de Buriti dos Lopes, norte do Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 50, p. 08, 2017.
- AMORIM, A.N. **Etnobiologia da comunidade de pescadores artesanais urbanos do bairro Poti Velho, Teresina/PI, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Piauí, 122p. Teresina, 2010.
- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP (APG IV). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, n. 01, p. 01-20, 2016.
- ARAÚJO, J. L.; LEMOS, J. R. Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Revista Biotemas**, v. 28, n. 02, p. 125-136, 2015.
- ARAÚJO, S.M.S. A REGIÃO SEMIÁRIDA DO NORDESTE DO BRASIL: Questões Ambientais e Possibilidades de uso Sustentável dos Recursos. **Rios Eletrônica – Revista Científica da FASETE**, n. 05, p. 89-98, 2011.
- AZEVEDO, T. K. B.; TREVISAN, L. F. A.; PEREIRA, A. V.; MORAIS, D. L.; MEDEIROS, J. X.; COSTA, A. S.; GUEDES, A. F.; MARINHO, M. G. V. Levantamento etnobotânico realizado no sítio Mocambo, Município de Patos – PB. **Agropecuária Técnica**, v. 31, n. 01, p. 83-87, 2010.

- BANDEIRA, L. R. G. S.; SILVA, M. D. S.; BRITO, R. C. T. Uso de plantas medicinais cultivadas na comunidade Lagoa do Porão, Jatobá do Piauí. **R. Interd.**, v. 08, n. 01, p. 55-61, 2015.
- BAPTISTEL, A. C.; COUTINHO, J. M. C. P.; LINS NETO, E. M. F.; MONTEIRO, J. M. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 16, n. 02, p. 406-425, 2014.
- BARBOSA, M. G.; MESQUITA, M.R.; AGUIAR, M. I. **Conhecimento Etnobotânico Tradicional de Moradores do Município de Corrente, Piauí.** In: ENCIPRO: IV Encontro de Produtividade em Pesquisa e IV Encontro de Iniciação Científica, 2012, Teresina. ENCIPRO, 2012.
- BARROS, M. S.; OLIVEIRA, Y. R.; ABREU, M. C. Conhecimento e uso de plantas medicinais pela comunidade Cipaúba em Picos-PI. **Gaia Scientia**, v. 12, n. 01, p. 245-258, 2018.
- BASTOS, E. M. **Conhecimento botânico local no assentamento saco do Juazeiro, São Miguel do Tapuio, Piauí.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 109p, 2012.
- BASTOS, E. M.; CHAVES, E. M. S., VIEIRA, F. J., BARROS, R. F. M. Conhecimento botânico local em uma área de assentamento rural no Piauí, nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, v. 12, p. 12-33, 2018.
- BAYLEY, K. D. **Methods of social research.** New York: Free Press, 553 p, 1982.
- BECK, H.T.; ORTIZ, A. Proyecto etnobotánico de la comunidad Awá em el Ecuador. In: RIOS, M.; PEDERSEN, H.B. (eds). *Uso y Manejo de Recursos Vegetales. Memórias Del II Simpósio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Económica*, Quito, 1997. p. 159-176.
- BEGOSSI, A. **Ecologia Humana.** In: BEGOSSI, A. (Org.) *Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia.* São Paulo: HUCITEC/NEPAN-UNICAMP/NUPAUB-USP, p. 13-36. 2004.
- BERNARD, H. R. **Research methods in cultural anthropology.** Newbury Park: Sage Publ, p. 520, 1988.
- BRITO, M. F. M.; MARÍN, E. A.; CRUZ, D. D. Plantas medicinais nos assentamentos rurais em uma área de proteção no litoral do Nordeste Brasileiro. **Revista Ambiente & Sociedade**, v. 10, n. 01, p. 83-104, 2017.
- BRITO, R. A. **Levantamento etnobotânico das comunidades envolvidas com o distrito de irrigação dos tabuleiros litorâneos do Piauí, Parnaíba-PI.** Trabalho de conclusão de curso (Ciências biológicas) – Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2017.
- BRITO, R. A.; BRITO, L. A.; MENDES, M. R. A.; MEIRELES, M. P. A. Levantamento etnobotânico das comunidades envolvidas com o Distrito de Irrigação dos Tabuleiros Litorâneos do Piauí, Parnaíba-Brasil. **Revista Espacios**, v. 39, n. 09, p. 31, 2018.
- CAETANO, N. L. B.; FERREIRA, T. F.; REIS, M. R. O.; NEO, G. G. A.; CARVALHO, A. A. Plantas medicinais utilizadas pela população do município de Lagarto- SE, Brasil – ênfase em pacientes oncológicos. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 17, n. 04, p. 748-756, 2015.

- CAMPOS, J. A.; FONSECA, R. S. P.; MENEZES, M. C.; HAMANDA, M. O. S. Etnobotânica de produtos florestais não madeireiros em comunidades da reserva extrativista Verde Para Sempre, Porto de Moz, Pará. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, Centro Científico Conhecer, v.11 n.21, p.1059-1067, 2015.
- CHAVES, E. M. F. **Florística e potencialidades econômicas da vegetação de carrasco no município de Cocal, Piauí, Brasil. Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina PI, 112p, 2005.
- CHAVES, E.M.F.; BARROS, R.F.M. Diversidade e uso de recursos medicinais do carrasco na APA da Serra da Ibiapaba, Piauí, Nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v. 14, n. 03, p. 476-486, 2012.
- CONCEIÇÃO, G. M.; RUGGIERI, A. C.; ARAÚJO, M. F. V.; CONCEIÇÃO, T. T. M. M.; CONCEIÇÃO, M. A. M. M. Plantas do cerrado: comercialização, uso e indicação terapêutica fornecida pelos raizeiros e vendedores, Teresina, Piauí. **Scientia Plena**, v. 07, p. 1-6, 2011.
- CORDEIRO, J. M. P.; FÉLIX, L. P. Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 16, n. 03, p. 685-692, 2014.
- COSTA, J. C.; MARINHO, M. G. V. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 18, n. 01, p. 125-134, 2016.
- COUTINHO, D. F.; TRAVASSOS, L. M. A.; AMARAL, F. M. M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no Estado do Maranhão – Brasil. **Visão Acadêmica**, v. 03, n. 01, p. 7-12, 2002.
- CUNHA, M. M. C; GONDIM, R. S. D; BONFIM, B. F; BATALHA JUNIOR, N. J. P; BARROSO, W.A; VILANOVA, C. M. Perfil etnobotânico de plantas medicinais comercializadas em feiras livres de São Luís, Maranhão, Brasil. **Scientia Plena**, v. 11, n. 12, p. 1-12, 2015.
- DANTAS, J. I. M.; TORRES, A. M. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. **DIVERSITAS JOURNAL**, v.04, n.01, p.39-48, 2019.
- DLUZNIEWSKI, F. C.; MULLER, N. T. G. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas no município de sete de setembro, Rio Grande do Sul, Brasil. **PERSPECTIVA**, v. 42, n.157, p. 49-61, 2018.
- FARIAS, J. C. **Etnozoologia e etnobotânica na comunidade Lagoa da Prata, no município de Parnaíba, Piauí. Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina PI, 127p, 2016.
- FARNSWORTH, N. R. Screening plants for new medicines. In: Wilson, E.O. (ed) **Biodiversity**. Washington DC: Nac. Acad. Press, p. 521, 1988.
- FILHO, I. C. F.; BOMFIM, B. L. S.; FARIAS, J. C.; VIEIRA, F. J.; BARROS, R. F. M. Uso de recursos madeireiros em duas comunidades rurais de Angical do Piauí/PI, Brasil. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 38, p. 593-615, 2016.
- FILHO, I. C. F.; BOMFIM, B. L. S.; FARIAS, J. C.; VIEIRA, F. J.; BARROS, R. F. M. Pau-d'arco-roxo (*Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos): conhecimento e uso

madeireiro em comunidades rurais do nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, v. 11, n. 02, p. 57-70, 2017.

FONT-QUER, P. **Diccionario de Botánica**. Ed. Labor S. A.: Spain, 1973.

FRANCO, E.A.P.; BARROS, R.F.M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 08, n. 03, p. 78-88, 2006.

FREITAS, A. S. H. J.; SILVA, A. B.; HIDALGO, A. R. B.; SOUSA, J. R. E.; MACEDO, L. F.; PASA, M. C. Estudo etnobotânico de cipós comercializados como medicinais por raízes de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **FLOVET**, n. 05, p. 71-81, 2013.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **R. Bras. Bioci.**, v. 10, n. 01, p. 48-59, 2012.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F.B.; PEREIRA, Y. B.; FREITAS NETO, E.C.; AZEVEDO, R. A. B. Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 17, n. 04, p. 845-856, 2015.

GOMES, C. C. Potencial utilitário da vegetação lenhosa em área de Caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. **Ci. Fl.**, v. 29, n. 01, p. 307-321, 2019.

GOMES, T. M. F.; LOPES, J. B.; BARROS, R. F. M.; ALENCAR, N. L. Plantas de uso terapêutico na comunidade rural Bezerro Morto, São João da Canabrava, Piauí, Brasil. **Gaia Scientia**, v. 11, n. 01, p. 253-268, 2017.

GUERRA, A. M. N. M.; NETO, J. R. C.; MARQUES, J. V. A. S.; PESSOA, M. F.; MARACAJA, P. B. Plantas medicinais e hortaliças usadas para cura de doenças em residências da cidade de Mossoró – RN. **Revista Verde**, v. 02, n. 01, p. 70-77, 2007.

IBGE. Diário Oficial da União N° 198, de 11.10.2002.

IBGE. Diário Oficial da União N° 2, de 28. 08. 2018.

LEMOS, J. R. **Pesquisas botânicas e ecológicas no Piauí**. Curitiba: CRV, 2018.

LIMA, C. A. A.; SILVA, D. M.; VILAR, E. L. S.; ROCHA, M. O.; FERREIRA-JUNIOR, W. S.; BATISTA, J. S.; SILVA, M. S. A etnobotânica aplicada à úlcera gástrica e avaliação farmacológica de *Solanum stipulaceum*. **Acta Brasiliensis**, v. 01, n. 01, p. 1-7, 2017.

LIMA, V. H. M. Uso e conhecimento de plantas medicinais utilizadas pelas mulheres da comunidade Mendes, Limoeiro, Pernambuco, Brasil. **Revista Ouricuri**, v. 05, n. 01, p. 168-182, 2015.

LIPORACCI, H. S. N; SIMÃO, D. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 15, n. 04, p. 529-540, 2013.

LOBLER, L.; SANTOS, D.; RODRIGUES, E. S.; SANTOS, N. R. Z. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no bairro Três de Outubro da cidade de São Gabriel, RS, Brasil. **R. bras. Bioci.**, v. 12, n. 02, p. 81-89, 2014.

- LOPES, M. A.; NOGUEIRA, I. S.; OBICI, S.; ALBIERO, A. L. M. Estudo das plantas medicinais, utilizadas pelos pacientes atendidos no programa “Estratégia saúde da família” em Maringá/PR/Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v.17, n. 04, p. 702-706, 2015.
- LOS, D. W. S.; BARROS, R. P.; NEVES, J. D. S. Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico nas feiras livres no Município de Arapiraca-AL. **Revista da Biologia e Farmácia**, v. 07, n. 02, p. 38-51, 2012.
- MANGANELLI, L.; FONSECA, Y. S.; LEDO, N. A.; BORGES, G. F.; RAMOS, G. A.; SILVA, B. A.; BARBOSA, L. M. Estudo etnobotânico do uso da *Bixa orellana* L. (urucum) por agricultores do extremo Sul da Bahia. **Revista cubana de plantas medicinales**, v. 23, n. 03, 2018.
- MARREIROS, N. A.; FERREIRA, E. C.; LUCENA, C. M.; PAIVA DE LUCENA, R. F. Conhecimento botânico tradicional sobre plantas medicinais no semiárido da Paraíba (Nordeste, Brasil). **Revista Ouricuri**, v. 05, n. 01, p. 110-144, 2015.
- MARTINS, W. M. O.; MARTINS, L. M. O; PAIVA, F. S.; MARTINS, W. J. O.; JUNIOR, S. F. L. Agrobiodiversidade nos quintais e roçados ribeirinhos na comunidade Boca do Môa – Acre. **Biotemas**, v. 25 n. 03, p. 111-120, 2012.
- MATTOS, S.H.; INNECCO, R.; MARCO, C.A.; ARAÚJO, A.V. Plantas medicinais e aromáticas cultivadas no Ceará: tecnologia de produção e óleos essenciais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, (Série BNB - ciência e tecnologia 2), p. 61-63, 2007.
- MEDEIROS, M.F.T; SILVA, H.P.; SENNA-VALLE, L. Estudo preliminar do uso de plantas medicinais por benzedores e outros informantes de Santa Teresa, Espírito Santo, Brasil. **Rev. Bras. Farmacologia**, v. 14, p. 19-21, 2004.
- MEIRELES, V. J. S; MEIRELES, M. P. A; VIEIRA, F. J; CAMPOS, J. B; BARROS, R. F. M. Conhecimento botânico tradicional e conservação de espécies na RESEX Delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil. **Revista Espacios**, v. 39, n. 45, 2018.
- MOBOT- Missouri Garden W3 trópicos. Disponível em : <http://www.tropicos.org>. Acesso em 14 Ago 2019.
- MONTELES, R; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em quilombos maranhenses: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de biologia e ciências da terra**, v. 07 n. 02. p. 38-48, 2007.
- MORI, S. A.; SILVA, L. A. M.; LISBOA, G.; CORANDIN, L. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 2º ed. Centro de Pesquisas do Cacau: Ilhéus, 1989.
- MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, v. 22, n. 04, p. 225-234, 2009.
- NASCIMENTO, A. M. L.; SILVA, J. S. B.; RAMOS, E. M. N. S. Conhecimento e uso das plantas da caatinga por agricultores locais moradores de uma comunidade rural do Município de Pesqueira Estado de Pernambuco. **CIENTEC**, v. 10, n. 01, p. 75-91, 2018.
- NASCIMENTO, A. R. T. Riqueza e etnobotânica de palmeiras no território indígena Krahô, Tocantins, Brasil. **FLORESTA**, v. 40, n. 01, p. 209-220, 2010.

- NASCIMENTO, M. G. P.; MEIRELES, V. J. S.; ANDRADE, I. M.; BARROS, R. F. M. Etnobotânica em uma comunidade de pescadores artesanais na APA do Parnaíba/Piauí, Brasil. **Educação ambiental em ação**, v. 68, p. 3736, 2019.
- NASCIMENTO, V.T.; PEREIRA, H. C.; SILVA, A. S.; NUNES, A. T.; MEDEIROS, P. M. Plantas Alimentícias Espontâneas Conhecidas Pelos Moradores do Vau Da Boa Esperança, Município De Barreiras, Oeste Da Bahia, Nordeste do Brasil. **Revista Ouricuri**, v. 05, n. 01, p. 86-109, 2015.
- NETO, F. R. G.; ALMEIDA, G. S. S. A.; JESUS, N. G.; FONSECA, M. R. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v.16, n. 04, p. 856-865, 2014.
- NETO, J. R. A.; BARROS, R. F. M.; SILVA, P. R. R. Uso de plantas medicinais em comunidades rurais da Serra do Passa-Tempo, estado do Piauí, Nordeste do Brasil. **R. bras. Bioci.**, v. 13, n. 03, p. 165-175, 2015.
- NUNES, G. P; SILVA, M. F.; RESENDE, U. M.; SIQUEIRA, J. M. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista brasileira de Farmacognosia**, v. 13, n. 02, p. 83-92, 2003.
- OLIVEIRA, C. J.; ARAUJO, T. L. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 09, n. 01, p. 93-105, 2007.
- OLIVEIRA, D. M. S.; LUCENA, E. M. P. O uso de plantas medicinais por moradores de Quixadá-Ceará. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 17, n. 03, p. 407-412, 2015.
- OLIVEIRA, D. M.; SANTOS, L. A. S.; GOMES, L. J. Espécies madeireiras de uso combustível em área de restinga, Pirambu, Sergipe, Brasil. **INTERAÇÕES**, v. 14, n. 01, p. 115-123, 2013.
- OLIVEIRA, F. C. S. **Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido piauiense**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina PI, 134p, 2008.
- OLIVEIRA, F. C. S.; BARROS, R. F. M.; MOITA NETO, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 12, n. 03, p. 282-301, 2010.
- OLIVEIRA, I. P.; ARAUJO, M. P.; MEIRELES, V. J. S.; LEMOS, J. R. Conhecimento de plantas medicinais e relação com o ambiente por alunos de duas escolas de ensino fundamental do município de Viçosa do Ceará, Ceará. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 11, n. 01, p. 81-93, 2016.
- OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. 10. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p.1191, 2000.
- PATZLAFF, R.G. **Estudo Etnobotânico de plantas de uso medicinal e místico na comunidade da Capoeira Grande, Pedra de Guaratiba, Rio de Janeiro, RJ, Brasil**. DISSERTAÇÃO – Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 147p, 2007.

- PEREIRA, M. G. S.; FERREIRA, M. C. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. **Biota Amazônia**, v. 07, n. 03, p. 57-68, 2017.
- PHILLIPS, O; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypothesis with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, p. 15-32, 1993.
- PIRES, M. V; ABREU, P. P.; SOARES, C. S.; SOUZA, B.; MARIANO, D.; SILVA, D. C.; ROCHA, E. A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **R. bras. Bioci.**, v. 07, n. 01, p. 3-8, 2009.
- PORTO, F. R. C; SILVA, J. C. Etnobotânica e uso medicinal da pimenta malagueta (*capsicum frutescens* L.) pelos horticultores e consumidores da horta comunitária da Vila Poty, Teresina, Piauí, Brasil. **Revista FSA**, n.9, p.139-157, 2012.
- POSEY, D. **Introdução – Etnobiologia: teoria e prática**. In: RIBEIRO, B. (Ed.) Suma Etnológica Brasileira. Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, v. 1. p. 15-25, 1987.
- QUEIROZ, D. P. N.; LAMANO -FERREIRA, A. P. N. Diversidade e Uso de Plantas Cultivadas em Quintais Residenciais Urbanos Localizados na Região da Vila Maria, Zona Norte de São Paulo, SP, Brasil. **UNOPAR Cient. Ciênc. Biol. Saúde**, v. 16, n. 04, p. 299-305, 2014.
- REGO, C. A. R. M; ROCHA, A. E; OLIVEIRA, C. A; PACHECO, F. P. F. Levantamento etnobotânico em comunidade tradicional do assentamento Pedra Suada, do município de Cachoeira Grande, Maranhão, Brasil. **Acta Agronômica**, v. 65, n. 03, p. 284-291, 2016.
- RIBEIRO, E. M. G. A.; BAPTISTEL, A. C.; NETO, E. M. F. L.; MONTEIRO, J. M. Conhecimento etnobotânico sobre o buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) em comunidades rurais do município de Currais, Sul do Piauí, Brasil. **Gaia Scientia**, v. 28, p. 28-35, 2014.
- ROCHA, F. A. G.; MEDEIROS, F. G. M.; SILVA, J. L. A. Diagnóstico da qualidade sanitária de plantas medicinais comercializadas no Município de Currais Novos, RN. **HOLOS**, v. 02, p. 71-79, 2010.
- RODRIGUES, A. P.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Inhamã, Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v.16, n.3, p.721-730, 2014.
- ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 12, n. 01, p. 31-42, 2010.
- ROSSATO, S. C.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of caiçaras of the Atlantic Forest coast (Brazil). **Economic Botany**, v. 53, n. 04, p. 387-395, 1999.
- SANTOS, A. B. N.; ARAÚJO, M. P.; SOUSA, R. S.; LEMOS, J. R. Plantas medicinais conhecidas na zona urbana de Cajueiro da praia, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revi. Bras. Pl. Med.**, v. 18, n. 02, p. 442-450, 2016.
- SANTOS, A. E.; PADRÃO, M. L. Levantamento etnobotânico acerca do uso de plantas medicinais no Município de Lagarto – SE. **Agroforestalis News**, v. 01, n. 01, p. 31-35, 2016.
- SANTOS, D. R. V.; SANTOS, J. V.; ANDRADE, W. M.; SANTOS-LIMA, T. M.; LIMA, L. N.; DIAS-LIMA, A. G.; ANDRADE, M. J. G.; VANNIER-SANTOS, M. A.; MOURA, G. J.

- B.; NUNES, E. S. Plantas antiparasitárias utilizadas Pelos indígenas Kantaruré-Batida (ne-Brasil): etnobotânica e riscos de erosão dos saberes locais. **Ambiente & Sociedade**, v. 21, p .1-20, 2018.
- SANTOS, L. S. N.; SALLES, M. G. F.; PINTO, C. M.; PINTO, O. R. O.; RODRIGUES, I. C. S. O saber etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade da Brenha, Redenção, CE. **AGRARIAN ACADEMY**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 05, n. 09, p. 409-421, 2018.
- SANTOS, L.; SILVA, H. C. H. Levantamento de plantas medicinais utilizadas em garrafadas no assentamento Rendeira em Girau do Ponciano – Alagoas: Implicações para conservação de espécies lenhosas. **Revista Ouricuri**, v. 05, n. 02, p. 81-104, 2015.
- SANTOS, N. C. R.; MOURA, L. F. W. G.; LÔ, M. M.; LIMA, D. R.; LIMA, M. C. L.; MAGALHAES, F. E. A. Uso de fitoterápicos por mulheres no Município de Tauá, Ceara, Brasil. **BIOFARM**, v. 13, n. 04, p. 34-47, 2017.
- SANTOS, S. L. D. X.; ALVES, R. R. N.; SANTOS, S. L. D. X.; BARBOSA, J. A. A.; BRASILEIRO, T. F. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade rural do semiárido da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Farm.** v. 93 n. 01, p. 68-79, 2012.
- SANTOS-LIMA, T. M.; SANTOS, D. R. V.; SOUZA, R. M.; BASTOS, N. G.; VANNIER-SANTOS, M. A.; NUNES, E. S.; DIAS-LIMA, A. G. Plantas medicinais com ação antiparasitária: conhecimento tradicional na etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, Bahia, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 18, n. 01, p. 240-247, 2016.
- SILVA, A. A.; ANDRADE, L. H. C. Utilização de espécies de Asteraceae por comunidades rurais do nordeste do Brasil: relatos em Camocim de São Félix, Pernambuco. **Biotemas**, v. 26, n. 02, p. 93-104, 2013.
- SILVA, C. G.; MARINHO, M. G. V; LUCENA, M. F.A.; COSTA, J. G. M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 17, n. 01, p. 133-142, 2015.
- SILVA, M. E. C.; BASTOS, E. M.; NETO, J. R. A.; SANTOS, K. P. P.; VIEIRA, F. J.; BARROS, R. F. M. Aspectos etnobotânicos da palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.) **Gaia Scientia**, v. 11, n. 03, p. 196-211, 2017.
- SILVA, M. F. P.; SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R.; GOMES, T. M. F.; FERREIRA, P. M. P.; CERQUEIRA, G. S. Plantas medicinais: cultivo em quintais pela população de um município do semiárido Piauiense, nordeste do Brasil. **Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 07, n. 03, p. 101-113, 2014.
- SILVA, M. P; LOPES, J. B; BARROS, R. F. M. **Saberes tradicionais das comunidades rurais Salinas e Resolvido em Campo Maior – PI, Brasil.** X ENCONTRO DA ECOECO, Vitória - ES – Brasil. Set. de 2013.
- SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R.; ABREU, M. C. Entre símbolos, mistérios e a cura: plantas místicas dos quintais de uma comunidade rural piauiense. **Gaia Scientia**, v. 12, n. 01, p. 1-16, 2018.
- SILVEIRA, L. M. S; OLEA, R. S. G; GONSALVES, L. H. B; SANTOS, P. F. Atividade antibacteriana de amostras de fruto do noni (*Morinda citrifolia* L. - Rubiaceae) vendidas em

- feiras livres de São Luís, Maranhão. **REVISTA SAÚDE & CIÊNCIA**, v. 02, n. 01, p. 31-37, 2011.
- SOARES, F. P.; FRAGA, A. F.; NEVES, J. P. O.; ROMERO, N. R.; BANDEIRA, M. A. M. Estudo etnofarmacológico e etnobotânico de *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba). **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 17, n. 04, p. 900-908, 2015.
- SOUSA, F. C. D. ; ARAUJO, M. P. ; LEMOS, J. R. Ethnobotanical Study with Native Species in a Rural Village in Piauí State, Northeast Brazil. **Journal of Plant Sciences**, v. 03, p. 45-53, 2015.
- SOUZA, L. F.; DIAS, R. F.; GUILHERME, F. A. G.; COELHO, C. P. Plantas medicinais referenciadas por raizeiros no município de Jataí, estado de Goiás. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v. 18, n. 02, p. 451-461, 2016.
- SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática: Guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas do Brasil, baseado em APG II**. 2º ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.
- TROTTER, R.; LOGAN, M. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. In: ETKIN, N. L. (Ed.). **Indigenous medicine and diet: biobehavioural approaches**. New York: Redgrave Bedford Hills, p. 91-112, 1986.
- TROTTA, J.; MESSIAS, P. A.; PIRES, A. H. C.; HAYASHIDA, C.T.; CAMARGO, C.; FUTEMMA, C. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. **Revista de estudos ambientais** v. 14, n. 03, p. 17-34, 2012.
- VANDENBERG, M. E.; SILVA, M. H. L. Contribuição ao conhecimento da flora medicinal do Piauí. P. 151-164. In: VIII Reunião Nordestina de Botânica, Recife. **Anais[...]** Recife, 1985.
- VASCONCELOS, C. A.; BARRETO, M. S. Plantas medicinais: educação ambiental e saber popular nas escolas fundamentais de Aracaju/SE. **Estudo & Debate**, v. 24, n. 03, p. 150-165, 2017.
- VEIGA, J. B.; SCUDELLER, V. V. Etnobotânica e medicina popular no tratamento de malária e males associados na comunidade ribeirinha Julião – baixo Rio Negro (Amazônia Central). **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 17, n. 04, p. 737-747, 2015.
- VIEIRA, I. R.; LOIOLA, M. I. B. Percepção ambiental das artesãs que usam as folhas de carnaúba (*Copernicia prunifera* H E. MOORE, Arecaceae), na área de proteção ambiental Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil. **Soc. & Nat.**, v. 26, n. 01, p. 63-76, 2014.
- VIEIRA, L. S.; SOUSA R. S.; LEMOS, J. R. Plantas medicinais conhecidas por especialistas locais de uma comunidade rural maranhense. **Rev. Bras.Pl. Med.**, v. 17, n. 04, p. 1061-1608, 2015.

**APÊNDICE A** – Espécies medicinais, alimentícias e ornamentais utilizadas pelos entrevistados do Assentamento Prado, Parnaíba, PI.





**LEGENDA** – **A.** *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (malva); **B.** *Plectranthus barbatus* Andrews. (boldo); **C.** *Annona squamosa* L. (ata); **D.** *Citrus limonum* Risso (limão); **E.** *Ixora coccinea* L. (alfinete); **F.** *Tecomas stans* (L.) Juss ex. Kunth (ipêzinho).

**APÊNDICE B** – Roteiro de entrevista semiestruturada aplicado aos entrevistados da comunidade rural Assentamento Prado, Parnaíba- PI

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ**

**ENTREVISTA DE PESQUISA: Potencialidades da flora utilizada pela comunidade rural Assentamento Prado Parnaíba Piauí.**

#### **Roteiro de entrevista**

Entrevista N° \_\_\_\_\_

Data da entrevista: .../...../201.....

Comunidade rural do assentamento Prado, Parnaíba, Piauí

Nome do Entrevistado (a): \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_. Sexo ( ) Feminino ( ) Masculino

Estado Civil: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Desquitado ( ) Divorciado ( ) Viúvo

Escolaridade: ( ) Analfabeto

Ensino Fundamental: ( ) Incompleto ( ) Completo

Ensino Médio: ( ) Incompleto ( ) Completo

Ensino Superior: ( ) Incompleto ( ) Completo

Etnia: ( ) Negro ( ) Índio ( ) Pardo ( ) Branco ( ) Outro

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Quantidade de filhos: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo mora na comunidade? (Qual comunidade?) \_\_\_\_\_

## DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

### PROFISSIONAL

Profissão: \_\_\_\_\_

Renda mensal (R\$): \_\_\_\_\_

Atividade secundária: \_\_\_\_\_

Renda secundária (R\$): \_\_\_\_\_

Participa de alguma associação ou cooperativa? ( ) sim ( ) não. Qual?

\_\_\_\_\_

Recebe algum tipo de auxílio do governo? ( ) sim ( ) não. Qual?

\_\_\_\_\_

### MORADIA

Tipo de moradia:

( ) Casa própria ( ) Casa alugada ( ) Casa de parentes ( ) Morador de alguma propriedade

Cobertura da casa: ( ) Telha ( ) Palha ( ) Outros

Paredes: ( ) Taipa ( ) Tijolo ( ) Madeira ( ) Adobe ( ) Palha ( ) Outros

Piso: ( ) Chão batido ( ) Cimento ( ) Cerâmica ( ) Ladrilho ( ) Outros

### SANEAMENTO

Destino do lixo: ( ) Enterra ( ) Deixa a céu aberto ( ) Coleta Pública ( ) Queima ( ) Outros

Abastecimento de água: ( ) Encanada ( ) Poço ( ) Rio ( ) Riacho ( ) Cachoeira ( ) Olho D'Água ( ) Outros

Energia elétrica: ( ) sim ( ) não

Fossa séptica: ( ) sim ( ) não

### PLANTAÇÃO DE CULTURA

#### PERMANENTE

Tipo: \_\_\_\_\_

Técnica de cultivo: \_\_\_\_\_

Área de cultivo: \_\_\_\_\_

Destino da produção: ( ) Consumo da família ( ) Comercialização

#### TEMPORÁRIA

Tipo: \_\_\_\_\_

Técnica de cultivo: \_\_\_\_\_

Área de cultivo: \_\_\_\_\_

Destino da produção: ( ) Consumo da família ( ) Comercialização

### ARTESANATO

Há produção artesanal?

( ) sim ( ) não

Qual matéria prima utilizada? \_\_\_\_\_

Origem da matéria-prima? \_\_\_\_\_

### RELIGIÃO

Qual a sua religião?

( ) Católico ( ) Protestante ( ) Ateu ( ) Outro

Participa com frequência das atividades religiosas?

( ) Sim ( ) Não

Costuma utilizar plantas nos rituais religiosos? ( ) sim ( ) não

Qual(is)? \_\_\_\_\_

### FESTAS/FESTEJOS

Qual(is)? \_\_\_\_\_

( ) Santo Antônio ( ) São Pedro ( ) Santa Luzia ( ) Nossa Senhora de ( ) outros Data:  
...../...../.....

### LENDAS

Qual(is)? \_\_\_\_\_

( ) mula-sem-cabeça ( ) lobisomem ( ) vampiro ( ) Saci-Pererê ( ) outros

Como foi originada a comunidade? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS

Quais plantas você conhece ou utiliza?

Planta	Categoria de uso	Parte usada	Como é usada	Indicação
1-				

2-				
3-				
4-				
5-				
6-				
7-				
8-				
9-				
10-				
11-				
12-				
13-				
14-				
15-				
16-1				
17-				
18-				
19-				
20-				
21-				
22-				
23-				

1-Categoria de uso: medicinal; alimentação humana; madeireiro; melífera; forrageira; produção de energia; religiosa; ornamental; tóxica; outras. 2-Parte usada: toda a planta; raiz; caule; folha; fruto; sementes; casca; galho; látex. 3-Como é usada: sumo; lambedor; infusão; suco; garrafada; salada; inalação; decocção; natural; de outras formas. 4- Contraindicação: crianças; gestantes; idosos; lactantes; uso de outros medicamentos.

As plantas que você utilizou ou utiliza já lhe provocaram alguma reação desagradável?

sim  não. Quais? \_\_\_\_\_

Os conhecimentos sobre as plantas o(a) senhor(a) aprendeu com quem?

Pais  Avós  Bisavós  Tios  Amigos  Outras pessoas

O Senhor(a) repassou esses conhecimentos para outras pessoas?

Sim  Não

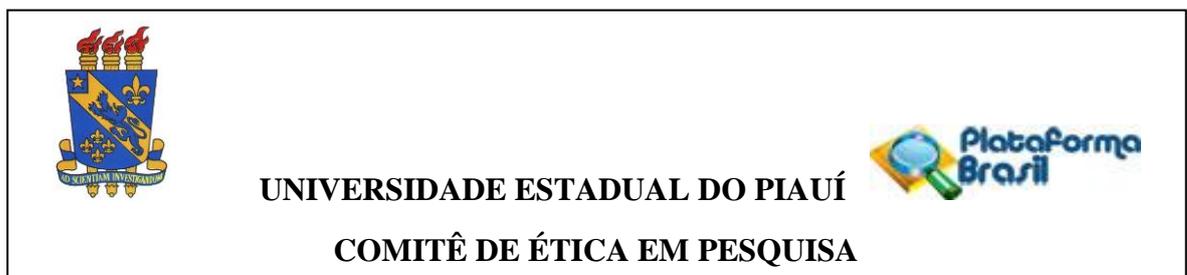
Quem?

Filhos  Netos  Bisnetos  Irmãos  Amigos  Outras pessoas sem parentesco

Conhece alguém que também tenha conhecimento sobre plantas e que faz o uso das mesmas?

Quem? \_\_\_\_\_

**APÊNDICE C** – Termo de consentimento livre e esclarecimento



### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezado participante, você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: “Potencialidades da flora utilizada pela comunidade rural Assentamento Prado Parnaíba Piauí”, desenvolvida pelo aluno de Graduação “Nícolas Rosa Miranda” em nome do curso de Biologia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), sob orientação da Professora Maura Rejane de Araújo Mendes. O objetivo central deste estudo é “Conhecer as espécies vegetais com potenciais de usos múltiplos utilizadas pela comunidade rural Assentamento Prado, de Parnaíba, Piauí”. O convite a sua participação se deve à importante contribuição ao resgate do conhecimento tradicional da importância medicinal da vegetação local. Sua participação é voluntária, você não receberá qualquer tipo de pagamento por sua participação, isto é, ela não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade

das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro, garantindo seu sigilo e privacidade. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em ser entrevistado (a) com perguntas sobre o contexto social, econômico e ambiental, bem como sobre o seu conhecimento acerca do uso das plantas e segue a Resolução CNS 466/12 e orientações do CEP UESPI. O tempo de duração dos procedimentos é de aproximadamente 30 minutos. O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de poder dispor no final da pesquisa dos resultados da mesma, além disso o resgate de informações tradicionais garante que este conhecimento não seja perdido com a inclusão de novas tecnologias. Os riscos e desconfortos são no caso do entrevistado acompanhar o pesquisador na coleta de plantas, que estará sujeito aos perigos deste tipo de atividade, a exemplo de ferimentos ocasionados pela vegetação e picadas ou mordidas de animais. Caso isso ocorra, o pesquisador imediatamente recorrerá aos serviços de saúde. Outro problema pode estar relacionado ao risco de você se sentir constrangido com o vazamento das informações coletadas. O sigilo das informações será preservado, os dados coletados serão mantidos em arquivo de acesso somente à equipe de pesquisa e ao final da pesquisa guardados, por pelo menos 5 anos. Garantimos que se o pesquisador perceber algum dano moral, físico ou psicológico ao participante voluntário da pesquisa, a mesma será suspensa.

Parnaíba, 03 de abril de 2018.

Maura Rejane de Araújo Mendes

Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba), Avenida Nossa Senhora de Fátima, s/n, Parnaíba – Piauí

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA UESPI, Rua Olavo Bilac, 2335 – Bairro: Centro/Sul  
CEP: 64.001-280 TERESINA/PI Telefone: 86) 3221-4749

E-mail do pesquisador (a): [maurarejanem@gmail.com](mailto:maurarejanem@gmail.com)

---

Nome do Pesquisador (a) responsável  
Curso de Biologia da Universidade Estadual do Piauí

\_\_\_\_\_  
Nome do Participante da pesquisa ou responsável legal

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

**Endereço:** Rua Olavo Bilac, 2335  
**Telefone:** 86) 3221-4749

**Bairro:** Centro/Sul    **CEP:** 64.001-280    TERESINA/PI  
**E-mail:** comitedeeticauespi@hotmail.com